

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

O CIÚME PROUSTIANO

Miriam Silveira

Porto Alegre

2016

Miriam Silveira

O CIÚME PROUSTIANO

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do Curso de Graduação em
Psicologia pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Marta D'Agord

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais pelo dom da vida. A minha mãe, em memória, por ter suscitado em mim, a curiosidade e o desejo de entender o sofrimento humano. A meu pai por me transmitir a alegria da simplicidade. A ambos, por serem exemplos de dignidade, trabalho, respeito e principalmente, perseverança.

A todos os demais familiares pelo carinho, dos mais velhos aos pequeninos.

À Maria Anita pelo incentivo e presença constante.

Ao Fabio pelo amor.

Ao Luciano pela confiança e sensibilidade da escuta.

Aos estimados professores e supervisores pelos ensinamentos teóricos e éticos, bem como, pela atenção e cuidados.

Ao Norton por aceitar o convite para a banca

Minha gratidão se estende a tantas outras pessoas queridas. Sintam-se todas agradecidas.

Em especial, agradeço a Marta D'Agord pela orientação; por me ajudar nessa tentativa de conciliar psicanálise, literatura e escrita, por transmitir em seu olhar o brilho do desejo.

Peço-vos por favor que em vossas cartas, ao relatardes estes tristes fatos, faleis de mim tal como sou, realmente, sem exagero algum, mas sem malícia. Então a alguém tereis de referir-vos que amou bastante, embora sem prudência; a alguém que não sabia ser ciumento, mas, excitado, cometeu excessos, e cuja mão, tal como o vil judeu, jogou fora uma pérola mais rica do que toda sua tribo; a alguém com olhos vencidos e que embora pouco usados aos sentimentos moles, maior número de gotas derramaram do que as árvores da Arábia fazer soem com sua goma medicinal. Contai-lhes isso tudo.

Ato V cena II William Shakespeare

Resumo: A pesquisa trata do ciúme proustiano – centrado no romance: *Um amor de Swann* - uma narrativa sobre amor, ciúme e desconfianças! onde Swann é um homem apaixonado e ciumento, que sofre tomado pela dúvida, se está sendo traído ou não pela amante. A questão inicial que convoca a pesquisa refere-se a estranha aporia do ciúme em Swann - articulado a uma certa esquematização do amor possessivo onde o desejo se orienta no sentido de possuir o objeto de amor. Para efeito de pesquisa, destaco a cena de angústia do narrador (criança) com a mãe, essa angústia reaparece como uma repetição no romance de Swann com Odette. Para o narrador a privação evoca a angústia/ ciúme e a vincula ao amor. “A angústia.... o amor que ela está de certo modo predestinada, e que ele acaba por monopolizar e singularizar”.

Palavras-Chave: Amor, angústia, Ciúme, Literatura, Psicanálise

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	7
II.METODOLOGIA.....	8
III.CONSIDERÇÕES.TEÓRICAS.....	8
3.1 Narcisismo.....	9
3.2 Freud e Alguns mecanismos Neuróticos do Ciúme.....	10
3.3 A Estrutura do Ciúme.....	11
IV. FRAGMENTOS Angústia do Narrador.....	11
4.1 Um amor de Swann.....	14
4.2 O Ciúme de Swann.....	14
4.3 Ciúme Incurável.....	20
4.4 A Sonata de Vinteuil.....	22
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
VI. Referências.....	25

I. INTRODUÇÃO

A psicanálise sempre se inspirou nas diferentes formas de artes, em especial a literatura por revelar o que a teoria não consegue ver, por representar as estruturas e dar indicações do funcionamento psíquico e do social. Diferentes formas discursivas para falar do humano, do que comporta de trágico, dos excessos, dos avessos e das paixões.

No que tange ao romance proustiano - *Um amor de Swann* – o amor está sempre acompanhado de certa angústia que é transformada em ciúme. Tendo na mentira, ou na desconfiança desta e na possibilidade de perda do objeto amado - as principais causas para a quais se direciona o ciúme.

Nesse enredo Proust (2006) nos apresenta, não só pessoas frágeis, que projetam, nos outros, as responsabilidades que lhe são devidas como também, uma intrigante demonstração das fragilidades inerentes a todos nós. E que, quase sempre, nos é obscura.

A partir de fragmentos do romance recrio com as vozes discursivas, sem a pretensão de análise crítica, apenas uma tentativa de interlocução entre psicanálise e literatura.

II. METODOLOGIA

A pesquisa exercita o método psicanalítico de escuta dos traços do sujeito no discurso, seguiremos as indicações metodológicas de Willemart para a análise do capítulo: *Um amor de Swann*.

Em *Proust, poeta e psicanalista* Philippe Willemart (2000), apresenta dois capítulos: A *iniciação à literatura e o Drama na hora de Dormir*; b) *A pequena frase de Vinteuil*. Os quais, tomamos como fundamento metodológico para a pesquisa, observando os seguintes aspectos metodológicos:

Sobre o *Drama na hora de dormir* - o narrador se desdobra em dois (o narrador é também Swann) – o narrador desempenha o papel de interprete, fazendo uma análise dos fatos vivenciados pelo protagonista.

Em *A pequena frase de Vinteuil* – trata-se de uma sonata que marca o princípio do amor de Swann e Odette - as transformações - os ciúmes; o esquecimento e novamente o despertar dos sentimentos - demonstrando o quanto o amor de Swann por Odette tem um sabor particular que inquieta e interroga o leitor.

III. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

3.1. Narcisismo/Estádio do Espelho

Na teoria psicanalítica o narcisismo representa um modo particular de relação com a sexualidade. Freud (1914-16/2010) distingue dois tipos de Narcisismo - narcisismo primário e narcisismo secundário. Considera que no narcisismo e suas manifestações nos pacientes eram de outros tempos, referia-se a algo pré-existente, não sendo uma criação atual, portanto, ligadas a uma condição anterior. Percebe que esse é um componente da libido complementar a pulsão de autoconservação, e que em certa medida, pode ser atribuída a toda criatura viva. Freud destaca a posição dos pais na constituição do *narcisismo primário dos filhos* - fala que o amor dos pais aos filhos é o narcisismo dos pais renascido e transformado em amor objetal.

O Narcisismo primário representaria de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Também é o primeiro modo de satisfação da libido: o *auto-erotismo*. Nesse período, ainda não existe uma unidade comparável ao eu, nem uma real diferenciação do mundo. O

narcisismo secundário é o investimento libidinal da imagem do eu, e essa imagem é constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos.

Lacan (1966/1998) entende esses tempos como estágio do espelho, que compreende a passagem do autoerotismo ao narcisismo. Na fase do espelho “...tem toda uma questão voltada para o “olhar”. O bebê, sujeito que há de advir assume uma imagem dele antecipada pela mãe (o outro) idealizada se identificando a ela.

Em Lacan (1966/1998), o estágio do espelho não é apenas um momento no desenvolvimento do ser humano; é uma estrutura, um modelo de vínculo que operará durante toda a vida. O espelho situa a instância de um eu, ainda antes de sua determinação social, em uma linha de ficção. O Eu aí constituído é o ego ideal, diferente do ideal de ego. O ego ideal é uma imago antecipatória prévia, o que o sujeito não é, mas deseja ser. O ideal do ego surge da inclusão do sujeito no registro simbólico.

Para a psicanálise o ego é criado a partir de um feixe de identificações (imagens).

Cada traço do ego é remetido à identificação com um outro, ora com a mãe, ora com o pai, ora com o irmão, e com outros outros. Sem unidade. A unidade é apenas imaginária. Uma fantasia, um fantasma.

3.2 Freud e Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme

Um texto clássico de Freud (1922/1976) sobre os ciúmes, intitulado: *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*, diz que: “O ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais”. Nesse trabalho distinguiu os mecanismos e as incidências dos ciúmes em três diferentes níveis. Sendo o ciúme (A) competitivo ou normal; (B) projetado e (C) delirante.

A - O ciúme considerado normal, essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida; também de sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito, todavia, esse ciúme não é completamente racional, por achar-se profundamente enraizado no inconsciente, bem como, ser uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança, tendo origem no complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual.

Também pode ser experimentado bissexualmente, isto é, um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival; esse último conjunto de sentimentos adicionar-se-á à intensidade de seu ciúme.

B – O segundo nível é o ciúme projetado, deriva-se, tanto nos homens quanto nas mulheres, de sua própria infidelidade concreta na vida real ou de impulsos no sentido dela que sucumbiram à repressão. Pode obter esse alívio – e, na verdade, a absolvição de sua consciência – se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade.

C - A posição do tipo delirante também tem sua origem em impulsos reprimidos no sentido da infidelidade, mas o objeto, nesses casos, é do mesmo sexo do sujeito. O ciúme delirante é o sobranço de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranoia. No homem pode ser descrito pela fórmula: “Eu não o amo; é ela que o ama!” Num caso delirante, deve-se estar preparados para encontrar ciúmes pertinentes a todos os três níveis, nunca, apenas, ao terceiro (Freud, 1922/1976, p. 271).

3.3 A Estrutura do Ciúme

Em as Formações do Inconsciente – a dialética do desejo e da demanda - Lacan diz que a estrutura do delírio de ciúme consiste, justamente em atribuir ao Outro um desejo, uma espécie de desejo esquematizado, esboçado no imaginário, que é o do sujeito. Ele é atribuído ao Outro – *Não é a mim que ele ama, é a minha cônjuge, ele é meu rival*. Não é que está impossibilitado de apreender o desejo do Outro, mas sim, em denega-lo. (Lacan, 1957/1999, p. 494-509).

IV. A Angústia do Narrador

Desde as primeiras páginas do romance estamos diante da angústia- ciúme, quando o narrador/criança, espera pelo beijo de boa-noite da mãe – queixa-se de sua ausência, chora e responsabiliza o pai de tê-la tirado, sem pudor. É o que diz o narrador - já trancado no quarto, pois está acontecendo um jantar na casa de Combray – então, manda pela criada um bilhete - pedindo a presença da mãe como subterfúgio de “uma desculpa vã e infantil”:

[...] essa angústia que mais tarde emigra para o amor, e pode tornar-se para sempre inseparável dele, eu não desejaria que fosse dar-me boa-noite uma mãe mais bonita e inteligente que a minha. Não; assim como, para que eu adormecesse feliz, com essa paz imperturbável que nenhuma amante me pôde dar depois, porque temos dúvidas a respeito delas até no momento em que nelas acreditamos, e nunca nos dão o coração como minha mãe, em um beijo, dava-me o seu, inteiramente, sem reserva alguma.. (Proust, 1948/2006, p.118)

O fragmento acima descreve a angústia do jovem na hora de dormir – mas, por quais motivos está associada ao amor? O narrador deixa subentendido que é pelo fato de esperar pelo beijo de boa-noite da mãe! Todavia, temos a figura do pai que se interpõe entre eles

naquele momento - “com ele não havia direito das gentes” por conta da falta de “princípios” - se julgava menos suscetível, do que a mãe e o filho, às fragilidades nervosas.

Meu pai, constantemente, me negava regalias que me haviam sido concedidas nos pactos mais generosos outorgados por minha mãe e minha avó, isso porque pouco se lhe dava dos “princípios” e com ele não havia “direito das gentes”... como ainda o fizera naquela mesma noite, dizia-me: “Anda, vai deitar-te, nada de desculpas!” (Proust, 1948/2006, p.34)

É o pai quem autoriza a empregada arranjar as camas no quarto para a mãe deitar-se junto ao jovem. Assim, desfruta da presença da mãe que lê para ele um romance infantil, acalmando os ânimos! “Havia duas camas no quarto...manda Françoise preparar-te a grande e deita esta noite perto dele.... e eu que não sou tão nervoso como vocês” (Proust, 1948/2006, p. 35).

A posição do pai pela afirmação “eu que não sou tão nervoso como vocês” qualificando mãe e filhos como seres mais irritáveis e sensíveis do que ele próprio opera uma divisão na família, segundo o grau de nervosismo. Tal conflito familiar - parece estabelecer entre eles um vínculo complexo – “entre a falta de um pacto que sugere que a mãe se una ao filho, as leituras e a fragilidade nervosa compartilhada por aquele que lê e aquele que ouve” (Willemart, 2000, p. 38).

O pai colocado “acima dos direitos das gentes” oferece a esposa como remédio e solução ao dilema infantil! “Esses direitos” podem ser lidos como uma metáfora do pai todo poderoso, ou o pai da horda primitiva “àquele que está acima das leis e particularmente das leis do incesto” (Willemart, 2000, p. 40).

Salienta-se assim, o vínculo entre a ansiedade e a angústia difusa do herói - o momento dramático na hora de dormir e a entrada na literatura - visto como remédio para o

narrador. É pelo fato de a mãe, se fazer metonimicamente leitora, cercada pelas palavras do romance, que “o incesto deverá atravessar a barreira de uma linguagem toda especial - a de um romance infantil” (Willemart, 2000, p. 41).

Se a angústia do narrador e a de Swann tem a mesma origem, então, a angústia do jovem por causa do beijo da mãe é um prenúncio das aflições, do amor e do ciúme de Swann. Seguiremos a pesquisa acompanhando os desdobramentos e a abrangência do ciúme no romance de Swann e Odette.

4.1. Fragmentos: Um Amor de Swann

Swann vive uma relação amorosa com Odette sempre em vias de acabar. Um romance atravessado pela dúvida e pelo ciúme que animam a vida e o imaginário de Swann. Ele ama e odeia a amante! Movido por um estranho sentimento, busca obsessivamente a verdade (se, está sendo traído ou não, quer saber qual a verdadeira vida de Odette). Ressentimentos e inseguranças evocam as lembranças de quando menino - sentia-se preterido da atenção e da exclusividade materna! e Swann adulto, procura por certezas, mas, não obtém! Assim, o ciúme se mantém.

O tempo passa e com ele vai o amor e o ciúme. Os sentimentos se esvaziam, Swann, sofre, chora e acaba recobrando a lucidez, já não importam os outros amantes e as associações equivocadas, e assim, pode ver Odette como ela realmente é. O sofrimento se transforma em saber a cerca da personagem. A verdade é que não ama mais Odette, mas também, não pode viver sem ela! O que Willemart aponta como sendo um aspecto da sublimação essa lucidez, que varre o fantasma que separa duas pessoas, no caso - Swann e Odette.

É o que o faz voltar à visão que todos tinham - critério para averiguar a realidade e distingui-la do fantasma e da loucura (Willemart, 2000, p. 217). Dentro dessa perspectiva é possível observar os laços entre a psicanálise que teoriza e a ficção que descobre a cena?

4.2 O Ciúme de Swann

Para o narrador a angústia é caracterizada como que, monopolizando, tomando conta do amor. Num primeiro momento o narrador privado do beijo da mãe, diz que a angústia que acabara de sentir: “julgava que fosse motivo de zombaria para Swann”. No entanto, é um equívoco, pois “semelhante foi o martírio de longos anos de sua vida, e ninguém melhor do que ele, talvez, pudesse compreendê-la”.

A agonia que sofre o jovem, o bilhete que escreve para a mãe, sua expectativa e as lágrimas quando ela não aparece prenunciam o tema do ciúme desesperador que ele experimentará, estabelecendo-se assim uma relação direta entre suas emoções e as de Swann. “foi o amor que fez conhecê-la, amor ao qual ela está de certo modo predestinada, que ele acaba por monopolizar” (Proust, 1948/2006, p. 118).

Sabe-se que a angústia é constituinte do psiquismo, originária em nós, intrinsecamente atrelada à dialética do desejo, que visa regular o gozo. No entanto, se a angústia é “monopolizada” pelo amor, ela o é como a força da enxurrada que move a roda do moinho: construtiva para a imaginação e destrutiva para a pessoa.

Essa angústia acaba sendo a própria energia do amor! Que nesse caso, está em atribuir um objeto que a especializa e a especifica de certa função - e se caracteriza pelo exercício sempre constante de imaginar, por quais diferentes maneiras poderia ficar privado da mulher que ama: “[...] essa angústia que há em sentir o ser que se ama em um lugar de festa onde a

gente não está, onde não é possível ir vê-lo, foi o amor que a fez conhecer...” (Proust, 1948/2006, p. 118).

Para o narrador proustiano o conhecimento do amor segue o caminho orientado por certa significância - a lei do amor engendrado pela angústia! Pois de todos os modos de produção do amor “um dos mais eficazes é o vasto sopro de agitação [...] por uma necessidade angustiosa”. Foi a partir de estabelecida essa condição que Swann passa a amar Odette “depois de ter experimentado a angústia de não encontrá-la.... poderosa para fazer desabrochar o seu amor, era ainda essa angustia olvidada, mas sempre pronta para renascer [...] que ele devia a importância que Odette assumira aos seus olhos”.

Sem dúvidas, trata-se de uma representação dolorosa e obsedante que “redobra o amor”! Mas por quais motivos para Swann o ciúme, é quase sempre, a forma assumida pela angustia? Isto se deve, diz ele “à ambivalência do mistério”. Certamente que o mistério nos fascina, a ponto de nunca amarmos uma pessoa, senão por causa desse mistério. No registro simbólico, toda mulher que se torna sedutora, representa o falo para o homem, o que não é a mesma coisa no sentido em que ela representa o que não tem e o homem por isso mesmo, deseja-a. Porém se a angustia é a própria substância do amor – o que é que especifica esse ciúme de Swann?

Para o narrador não há amor senão pelo desejo de possuir uma pessoa, pois que (...) uma necessidade ansiosa que tem por objeto esse próprio ser... a necessidade insensata e dolorosa de possuir”...e depois que Swann se apercebera de que a muitos homens Odette parecia desejável: “o encanto que tinha para ele seu corpo, despertara nele uma necessidade dolorosa de possuí-la inteiramente, nas menores partes do seu coração” (Proust, 1948/2006, p. 271). [...] e “compreendeu que loucura passara por ele quando não encontrou Odette na casa dos Verdurin, começara a desejar a posse, sempre impossível de um outro ser” (Proust, 1948/2006, p. 364) e “de participar do seu mundo”. (Proust, 1948/2006, p. 145).

Nesse sentido, o ciúme existe porque existem “coisas” que fazem obstáculo a essa posse! A posse da pessoa amada por tudo o que torna inacessível essa interioridade e que seria tanto pelos motivos que nos torna sua vida inapreensível quanto, ao mesmo tempo, inimaginável.

Segundo o narrador um dos obstáculos que impossibilita Swann de apreender a interioridade da pessoa amada consiste no cuidado que a própria pessoa toma para ocultá-la de nós. “Pois tão logo é descoberto, o ciúme passa a ser considerado por aquela que dele é objeto como uma desconfiança que autoriza a mentira”. Por isso, assim como Odette já mentia para Swann, “nos meses em que o amara...nos meses em que ele jamais ousara pensar, porque tinham sido muito felizes...ela já lhe mentia!” (Proust, 1948/2006, p. 221).

E a dor do ciúme passa a ser como a pior tortura, o pior sofrimento, que nascendo de nossas próprias buscas e de nossas próprias questões, renasce a cada vez de nosso próprio pensamento! Por que, então, o ciúme é esse mal estranho que nos faz sofrer e que insistimos em nutrir, se o que suspeitamos no outro, já conhecemos de nós mesmos? Por qual razão nos causa simultaneamente tanta angustia e surpresa?

Para o narrador proustiano o ciúme é patológico! caracteriza o ciúme como uma atitude mental, às vezes, como um “sofrimento ou uma dor” estritamente físico, ou ainda, mais propriamente, emocional. Como “um sofrimento do coração”, o que Swann sente ao constatar a ausência de Odette na casa dos Verdurim, experimentando igualmente “uma espécie de cruz no coração”. Essas dores são tão intensas e imprevisíveis que elas o fazem compará-las a “um ferimento súbito” tão vivo e tão atroz que nem Swann e nem o narrador, jamais experimentaram outra tão cruel.

[..] como um animal agonizante de novo agitado por uma convulsão... já recomeçava com as suas indagações. Pois o ciúme, que se dera um trabalho que um inimigo não teria para lhe assestar aquele golpe, para lhe dar a conhecer a dor mais cruel que jamais sentira, o ciúme

achava que ele não tinha sofrido bastante e procurava fazer com que recebesse uma ferida ainda mais profunda. Como uma divindade maligna, o ciúme o possuía, levando-o à perfeição. (Proust, 1948/2006, p. 218).

Quando as dores manifestam-se no corpo parece mais “verificável” e até mais “aceitável”, porém, outras vezes, quando suscitadas unicamente por palavras, resiste à compreensão, surgindo como fantasmas, ou puras imagens. No fragmento acima o narrador nos apresenta objetivamente aquilo que é da ordem do emocional, como se uma condensação do imaginário, uma quase presença (uma divindade maligna) - aquilo que só nos faz visualizar. Talvez pela condição insistente, quase obsessiva pela qual ele próprio reaviva o mal que gostaria de curar! então, “Swann percebeu de repente [...] a novidade da dor que ele sofria no coração”.

E por um esforço das ideias solicitamos que se restabeleça a mentira, para em seguida, inventar a verdade! Ocorre que, durante uma conversa, a brevidade da incoerência faça surgir às inverdades de uma situação, assinalando o que destoa na contestação, pela estranheza de uma repentina persistência. E por uma brusca mudança de tonalidade, que torna audível a mentira, põe em alarme a suspeita e mobiliza a imaginação. Pois [...] Swann reconheceu prontamente nessas palavras um daqueles fragmentos de um fato exato que os mentirosos surpreendidos na mentira se consolam em introduzir na composição da falsidade que inventam... (Proust, 1948/2006, p. 170).

E por uma expressão - tão geral - que parece quase a expressão de uma lei, frequentemente o ciúme é renovado pela frase cuja intenção era tranquilizar. E “dali a pouco, nos perguntamos se esse relato era verídico... depois ela teve aquela terrível entonação de desdém:...encontrada em todas as classes da sociedade quando uma mulher está mentindo”. (Proust, 1948/2006, p. 171).

Se toda a mentira encontra-se originariamente no tecido da verdade, onde um pequeno rasgo faz perceptível a menor mentira, também faz aumentar a suspeita que a acompanha, e o ciúme que ela desperta. Assim, o ciumento segue sua obsessiva busca pela verdade, frequentemente, se utiliza de métodos semelhantes aos dos detetives e dos historiadores, desde interrogatórios e averiguações, suscitando testemunhos, acumulando relatos, confidencias e intrigas. Mas é por uma tonalidade específica da verdade que a investigação das ideias, permite reconhecer o que ela não é, ainda que não se saiba dizer o que ela é.

E o que servirá de princípio regulador do ciúme será um sistema *a priori* da verdade, que tenta reconstruir o que foi a realidade, a partir das evidências fragmentadas e destoantes. Pois a imaginação ciumenta haverá de passar do que ela ignora ao que já sabe, e recriar o desconhecido como um simples acréscimo ao que já é conhecido.

De toda forma, em qualquer situação, por mais horrível e mentirosa que possa parecer uma pessoa - como representá-la, senão pela experiência que dela se tem? Embora, Swann soubesse “que a vida dos seres é cheia de contrastes” não conseguia imaginar tudo o que não conhecia da vida de Odette, senão como idêntico à parte que “dela” conhecia. “Bem sabia, como uma verdade de ordem geral, que a vida das criaturas é cheia de contrastes, mas, para cada uma em particular, imaginava a parte da vida que não lhe conhecia como idêntica à parte conhecida.” (Proust, 1948/2006, p. 215).

E se a memória é o sótão da imaginação, então, o ciúme só pode reconstituir os amores que ele ignora com o que ele conheceu do amor, sendo, portanto, com aquilo que foi o tecido da sua felicidade que lhe cumpre agora confeccionar a roupa da sua tristeza e infelicidade. Assim como a sombra que é o duplo de cada um, o narrador proustiano nos diz que o ciúme é a sombra do amor, já que é o que lhe faz imaginar na escuridão e na dor

angustiosa o duplo daquilo que ele viveu na claridade e na alegria. O narrador descreve como seria esse duplo enganador:

[...] como se fosse a sombra de seu amor, contemplava o duplo que esse novo sorriso que “ Odette” lhe dirigira ainda nessa noite – e que inversamente – agora zombava de Swann e se carregava de amor por um outro. De sorte que chegou a lamentar... cada graça que nela descobria... (Proust, 1948/2006, p. 170)

Para o narrador a imaginação ciumenta é repetitiva, não acrescenta grandes novidades, e a incerteza é mais dolorosa do que a certeza! Pois a imaginação do possível é mais intensa do que a constatação do real. Decidido a descobrir toda a verdade - Swann vai à casa da amante. Chegando lá, ela o adverte de que não ficará com ele mais do que meia hora, e que irá dispensá-lo em seguida. Quando Swann chega a casa, uma ideia brusca lhe ocorre: a de que talvez Odette estivesse esperando alguém naquela noite, e que o cansaço dela poderia ser uma simulação, uma desculpa para ficar com outro.

Dessa forma, o narrador informa que, justamente, os motivos que suscitam e nutrem o ciúme estão associados àquela opacidade da pessoa amada; a inacessibilidade do mundo que ela participa. Sendo que a infinidade de possíveis emboscadas por traz da tranquilizadora banalidade das aparências e a persistência da suspeita faz da imaginação o instrumento constante e variado do sofrimento.

Redobrando a tortura, acumulando os demonstrativos, os detalhes, as ínfimas constatações entregues a criação imaginativa, e a simples incerteza causava em Swann mais ciúme do que a própria união carnal, porque a “imaginava mais dificilmente”. O que é ao mesmo tempo - paradoxal e desproporcional que a imaginação se torne tanto mais intensa e exasperada, quanto menos tem objeto sobre cuja particularidade possa se fixar, se circunscrever e de certo modo, se tranquilizar.

E foi naquele breve fim de noite na casa de Odette que Swann teve uma súbita iluminação:

[...] àquela hora passada com Odette...não era talvez uma hora artificial para uso dele (destinada a mascarar essa coisa terrível e deliciosa em que incessantemente pensava sem poder imaginá-la bem, uma hora da verdadeira vida de Odette, .. quando ele ali não se achava). [...] mas se ele ali não estivesse, ela teria fornecido a Forcheville a mesma poltrona, oferecendo-lhe ...aquela laranjada; que o mundo habitado por Odette não era esse outro mundo espantoso e sobrenatural onde ele passava o tempo a situá-la e talvez só existisse em sua imaginação, mas o universo real, sem nenhuma especial tristeza, abrangendo... todos aqueles objetos que contemplava não só com curiosidade e admiração, mas com gratidão igual, pois que, se o haviam livrado de seus sonhos ao absorvê-los, em compensação se haviam enriquecido com eles, mostrando-lhe a sua realização palpável, e interessavam seu espírito e [...] assumiam relevo a seus olhos, ao mesmo tempo que lhe tranquilizavam o coração (Proust, 1948/2006, p. 225).

E se o ciúme imaginado provoca deleites que não acabam mais é precisamente porque a imaginação ciumenta não acaba de imaginá-los. Não podendo jamais esgotar a infinidade dos possíveis que ela inventa. Nenhum limite, nenhum fim, nem descanso.

A partir das situações inventadas pelo narrador proustiano temos certa fenomenologia do ciúme, segundo a qual, a incerteza seria mais dolorosa do que a certeza - e a representação infinita dos possíveis, mais intensa do que a de qualquer realidade determinada. Segundo o narrador o ciúme é uma doença e não tem cura.

4.3 Ciúme: Doença Incurável

Para o narrador “O ciúme é dessas doenças intermitentes cuja causa é caprichosa, imperativa, sempre idêntica no mesmo enfermo...” porque o amor de Swann compreendia possuir por completo o ser amado! para Swann, a posse se efetiva para a desilusão do amante, que se desinteressa pelo antigo objeto de seu amor. Ele “estava muito inclinado a crer que, no

momento em que amava, não podia ser amado, e que só o interesse podia unir a mim uma mulher”.

O ciúme como uma “doença incurável” denuncia a contradição desse amor que parece consistir no fato de que os mesmos meios utilizados para preservá-lo dos ciúmes servem os meios que o desenvolvem. Além do mais, não há necessidade de um fato que origine! O narrador aponta que o seu ciúme nascia por imagens, em virtude de um sofrimento, não segundo uma probabilidade. Portanto, o ciúme independe de uma fonte verídica, pois “a busca do ciumento tende ao erro”.

[...] Swann não o notou, pois na multidão dos gestos, das palavras, dos pequenos incidentes que enchem uma conversação, é inevitável que passemos por alto...nossas suspeitas procuram ao acaso, e que nos detenhamos ao contrário naqueles sob os quais nada existe. (Proust, 1948/2006, p. 172)

Essa “doença incurável” que havia transformado aquele amor em ciúme faz Swann procurar em Odette o que não percebe por si próprio! É o narrador que sabe sobre Swann! É que “Swann desconhece seu sofrimento... para conhecê-lo lhe é necessário comparar sua situação atual com o que fora no princípio, o que ele teme, por medo de sofrer demasiado”.

Swann desconhece, ou prefere manter recalcada aquela dor, e embora, aquele amor o fizesse sofrer, lamentar por vezes, ter conhecido Odette, a verdade é que ele também, não se imagina vivendo sem ela! Todavia, quando já não se sentia mais tão ligado a ela, quase no fim do amor, Swann consegue ter uma visão mais próxima da realidade.

Foi enquanto dormia no crepúsculo de um sonho, Odette aparece deformada, com a face pálida, os traços repuxados e com olheiras. Já acordado Swann diz para si mesmo: “E dizer que desperdicei anos da minha vida, que desejei morrer, que vivi o meu maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não fazia o meu tipo!”.

Essa clareza é o resultado de um lento processo de enfraquecimento do amor e do ciúme, o que permite a Swann ter melhor critério para discernir entre o real e o imaginado!

4.4 A Sonata de Vinteuil – Metáfora do Amor e do Ciúme

Para Swann a arte tanto quanto o amor “não correspondia a nada de exterior, de verificável por outro que não ele.... desejava não mais sacrificar tantos interesses intelectuais e sociais àquele amor imaginário”. Mas graças à pequena frase, àquele amor por Odette continuava, pois a pequena frase alargava a alma de Swann “[...] impunha-se como a realidade superior às coisas concretas” (Proust, 1948/2006, p. 148).

Swann naquele momento satisfazia uma curiosidade voluptuosa, imperiosa:

[...] conhecendo os prazeres das criaturas que vivem pelo amor. Julgara que poderia agarrar-se àquilo, que não seria obrigado a conhecer-lhe as dores; quão pouco lhe significava agora o encanto de Odette perto daquele formidável terror que o prolongava como um halo turvo, aquela imensa angústia de não saber a cada momento o que ela fazia, de não possuí-la em toda parte e sempre! (Proust, 1948/2006, p. 288)

Nessa passagem o narrador aproxima dois momentos distintos da escuta: conhecer o prazer de viver pelo amor e conhecer as dores - que caracteriza como sensações o prazer de amor e as dores. Num primeiro momento as dores são lembradas e num segundo, sentidas. E a dor sentida ultrapassa e elimina o prazer do amor até angustiar Swann infinitamente, porque tomado por um sentimento de possessão absoluto ele gostaria de dominar a vida e o corpo de Odette. O desejo de posse, fruto do ciúme, na leitura de Kristeva:

[...] como o desvio do ódio, o amante idealiza sua amada, mas é seu próprio baseado nas fronteiras problemáticas do narcisismo que eleva ao zênite na prova da paixão. [...] pois, esta volúpia de ser amante, de viver apenas de

amor, da mesma realidade de que ele duvidava às vezes, depende das qualidades de exaltação, imaginárias ou estéticas, do amante, mais do que das qualidades reais da amada” (Willemart, 2000, p. 97).

Nesse sentido, a fantasia amorosa, estaria mais atrelada à fantasia de posse. A fantasia reguladora do sintoma - que pretende regular o gozo e amarrar um objeto como o adequado. Dessa forma, algo fracassa: nenhum objeto é inteiramente adequado. Mas o sujeito a repete tentando, a cada vez, obter sucesso.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio procurei acompanhar a narrativa proustiana e o afeto ciumento sem definir nosologia precisa, de um modo mais ensaístico, ir tangenciando os mecanismos ambivalentes, paradoxais, ao mesmo tempo, normais e patológicos, ou seja, de sofrimento no ciúme.

O ciúme, que em sua origem está ligado a um olhar: por vezes, “fetichista” estimulado pela visão da atividade sexual do outro, por outro lado, paranóide, cuja abertura propõe um duplo vínculo, de prazer e de sofrimento.

Há no ciúme um retorno dos efeitos da ferida narcísica, quando uma nova ação psíquica fundante do narcisismo primário (Freud, 1914-16/2010) se associa a um golpe traumático, relacionado à separação do corpo materno.

Freud (1922/1976) fala ainda, do ciúme projetado – que no ciumento está associado, ou à visão de uma cena de traição, ou pela incitação de um terceiro. O ciumento vive a dor no

seu corpo, e reatualiza, com ou sem motivos, seja na visão factual, na singularidade do olhar ou no devaneio imaginário - a dor de uma perda já concebida e marcada dolorosamente na estima de si.

No entanto, há no ciúme algo anterior, arcaico, com o sentido de criar e recriar um plano de satisfação a partir de um prazer experienciado primitivamente. Primeira experiência de satisfação em Freud (1895/1969), ou ainda, o olhar especular que investe libidinalmente o bebê e o constitui como sujeito no desejo da mãe, em Lacan (1966/1998).

A saída “bem sucedida” pelo complexo de Édipo confere ao homem a condição de se desidentificar da mulher impressa em seu espelho narcísico, enquanto mãe. O prazer experimentado com a figura materna primária e a magnitude desse prazer daria o tom da capacidade de superar as sucessivas frustrações no amor.

De toda forma, o ciúme de Swann pode ser entendido como um modo de vida, ou ainda, como algo que o obriga a viver - uma vez que o ciúme amplifica e dá sentido ao amor!

Embora, Swann não sinta mais ciúme de Odette podendo distinguir melhor entre o real e o imaginado, ainda assim, movido pela não aceitação da distância e da diferença entre os seres - o movimento de amor e de ódio por uma parte de si mesmo, projetado em Odette, o fará desposá-la mais tarde.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1969). *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895).
- Freud, S. (1976). *Alguns Mecanismos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1922).
- Freud, S. (2010). *Obras completas. Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1914-1916).
- Lacan, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In *Escritos*. (V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1999). *Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1957).
- Lacan, J. (2009). *O seminário 18. De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1971).
- Proust, M. (2006). *Em Busca do Tempo Perdido. No caminho de Swann* (Vol. 1). São Paulo: Editora Globo. (Original publicado em 1948).
- Willemart, P. (2000). *Proust, Poeta e Psicanalista*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Willemart, P. (2014). *Psicanálise e Teoria literária: O tempo lógico e as rodas da escritura*. São Paulo: Perspectiva.